

PÔSTER | CULTURA, SOCIEDADE E IDENTIDADES

GRUPOS DE CONVIVÊNCIA E REDES DE APOIO DIANTE DA VULNERABILIDADE SOCIAL FEMININA: relato de experiência em estágio supervisionado em psicologia social comunitária

COMMUNITY GROUPS AND SUPPORT NETWORKS BEFORE THE FEMININE SOCIAL VULNERABILITY: Experience report on a supervised internship in social communitarian psychology

Raiane Rodrigues dos Santos Carvalho¹

Débora Carvalho Cardoso Vitorino²

Valéria Sena Carvalho³

RESUMO

A construção deste projeto se deu mediante a inserção de uma discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, cursando o estágio curricular obrigatório em Psicologia Social-Comunitária, em grupos de convivência com mulheres em situação de vulnerabilidade social, em um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), da cidade de Teresina. As intervenções realizadas pela estagiária objetivaram promover a mediação de discussões nestes grupos que incentivassem a construção de vínculos sólidos, sentimentos de pertencimento e identidade e, dessa forma, a configuração de uma rede de apoio para estas mulheres.

Palavras-chave: Relato de experiência; grupos de convivência; vulnerabilidade social; Psicologia Social-Comunitária; Políticas Públicas.

ABSTRACT

This project was developed by a student from the Psychology program of the Universidade Estadual do Piauí (UESPI) as part of the program's mandatory internship in Social-Community Psychology. The project took place in social support groups towards women in situations of social vulnerability at a Centro de Referencia da Assistencia Social (CRAS) in

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, email:raiane.rodrigues1324@gmail.com.

² Psicóloga pela Faculdade Integral Diferencial - FACID DEVRY, especialista em Psicologia em Saúde pelo Conselho Federal de Psicologia, email:psico.debora8@gmail.com.

³ Docente da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, mestre pela Universidade Federal da Paraíba, email: valeriasena@ccs.uespi.br.

the city of Teresina. The intervention organized by the intern aimed to facilitate discussions within these groups to encourage the deepening of connections and the building of solid bonds that could potentially form a support network for these women.

Keywords: Experience report; Support groups; Social vulnerability; Community Social Psychology; Public Policies.

1 INTRODUÇÃO

Os grupos de convivência surgiram como resposta às necessidades identificadas nas comunidades brasileiras, buscando proporcionar um espaço de interação, suporte e desenvolvimento pessoal para os seus participantes. Inseridos na realidade do território dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), os grupos de convivência do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) foram estabelecidos como parte das estratégias de intervenções para promoção da inclusão social e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários (Cavalcanti, 2016).

O SCFV está inserido na política nacional de Assistência Social do Brasil, conforme estabelecido na Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais (Brasil, Ministério da Cidadania, 2012). Este serviço é descrito como um importante instrumento de proteção social básica, visando prevenir situações de risco social e pessoal, promover a socialização e a convivência grupal, além de potencializar o desenvolvimento de habilidades e competências das pessoas atendidas. O CRAS, por sua vez, é uma unidade fundamental dessa política, responsável pela organização e oferta de serviços socioassistenciais às famílias em situação de vulnerabilidade e risco social, articulando os recursos disponíveis na rede socioassistencial local e promovendo o acesso a direitos e benefícios sociais (Brasil, Ministério da Cidadania, 2012).

Historicamente, as mulheres enfrentam diversas formas de discriminação e desigualdade de gênero, como a violência de gênero, desigualdade econômica, acesso limitado à educação, falta de autonomia reprodutiva e estigma social, o que resulta em um grande número de mulheres em situações de vulnerabilidade social. (Lisboa et al, 2019), Nesse sentido, Saffioti (2015) afirma que os grupos de convivência surgiram como um espaço seguro e acolhedor onde elas podem compartilhar suas experiências, buscar apoio mútuo e fortalecer-se emocionalmente. Diante disto, a criação desses grupos está intrinsecamente ligada à compreensão da importância do empoderamento feminino e da promoção da autonomia das mulheres (Silva, 2019). De modo que, ao oferecer um ambiente propício para o

desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais, os grupos de convivência fazem com que as mulheres vivenciem os contratempos do cotidiano de forma mais sutil, de maneira que os problemas são verbalizados e compartilhados, no intuito de amenizar o sofrimento da busca de soluções para aperfeiçoar, na maioria dos casos, a própria qualidade de vida e a dos familiares (Ferreira, 2017).

Dessarte, os grupos de convivência representam uma oportunidade para interação e inclusão social, além de ser um meio que busca auxiliar no resgate a autonomia e a viver com dignidade, mantendo-se saudável integralmente. Segundo Almeida (2010), a participação em grupos de convivência estimula a autonomia individual, melhora a autoestima, a qualidade de vida, o senso de humor e promove a inclusão social. Esses elementos exercem uma influência significativa na continuidade da participação das mulheres nos programas, bem como nas mudanças positivas que ocorrem em suas vidas.

Além disso, a participação ativa nos grupos de convivência pode contribuir para a construção de uma consciência crítica e para a capacitação das mulheres no processo de tomada de decisões que impactam suas vidas e as de suas famílias. Ao proporcionar um espaço para reflexão e debate sobre questões sociais e de gênero, esses grupos se tornam agentes de transformação não apenas a nível individual, mas também dentro de suas comunidades, fomentando a busca por uma maior igualdade e justiça social (Ribeiro, 2020).

Portanto, o objetivo deste trabalho é relatar a prática de estágio obrigatório em Psicologia Social e Comunitária, analisando as observações constatadas a partir da inserção no campo delimitado, particular em sua composição socioeconômica e cultural. Pretende-se, a partir deste relato, compreender como a participação nos grupos de convivência promovidos pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) influencia, não somente na integração social, como também na saúde emocional, no bem-estar e na capacidade de lidar com desafios cotidianos, bem como na promoção de mudanças positivas na vida das participantes. Ademais, busca-se investigar o papel dos grupos supracitados como forma de construção e fortalecimento de redes de apoio mútuo dos seus integrantes, contribuindo ainda para o desenvolvimento de habilidades e recursos pessoais que facilitem sua inserção e participação ativa na vida em sociedade.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Durante o período do estágio obrigatório, que durou cerca de dois meses, foram realizados encontros semanais com o grupo de convivência em um CRAS situado na cidade de Teresina, Piauí. A média de participação foi de 40 mulheres, cujas idades variaram entre 38 e 78 anos. As atividades foram organizadas após observações iniciais do grupo, visando atender às demandas identificadas do público alvo, as quais foram examinadas por meio de diálogos com as participantes. Os encontros foram delineados no plano de ação e conduzidos pela estagiária sob supervisão da orientadora de campo.

O método empregado neste estudo consistiu em grupos interativos, constituídos por mulheres que mantêm vínculos decorrentes do convívio cotidiano proporcionado pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos executados em um CRAS. Inicialmente concebido como um suporte social, o CRAS assumiu seu papel social de integração e acolhimento comunitário, tornando-se um espaço de múltiplas trocas e para mulheres em situação de vulnerabilidade (Romagnoli, 2016).

As temáticas foram debatidas semanalmente, com cada encontro com duração média de cinquenta minutos. No início, realizou-se uma observação para identificação das demandas reais do grupo, juntamente com a apresentação da estagiária. O segundo encontro teve como foco a saúde mental da mulher. Nos encontros subsequentes os temas abordados foram autoestima, autonomia na terceira idade, importância da escuta e comunicação assertiva. Cada temática foi trabalhada a partir de uma atividade específica delimitada no plano de ação. Além disso, ocorreu a produção de cartazes temáticos em formato de oficina intitulada “O que nos faz bem”, organizada com o intuito de encerrar as atividades e realizar coleta de feedbacks.

2.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS PRÁTICAS

No primeiro encontro, o objetivo principal foi analisar as perspectivas do grupo sobre psicologia, bem como discernir suas possíveis demandas existentes, e observar a dinâmica peculiar à qual estão inseridas. Ao longo da interação, as participantes manifestaram suas opiniões, indagaram, proferiram discursos de empoderamento, proporcionando gradualmente

ideias acerca de temáticas suscetíveis a serem discutidas no âmbito do grupo. Dentre estas temáticas, destacam-se a saúde mental feminina, a busca pela autonomia e autoestima, além da premente necessidade de desenvolver habilidades de comunicação assertiva, perceptivelmente uma demanda pela qual estão ativamente engajadas, conjuntamente com a busca por uma maior integração entre si.

No segundo encontro, após a análise e organização das temáticas a serem abordadas, ocorreu um debate inicial sobre a relevância da saúde mental da mulher. Esta temática se mostra particularmente pertinente dado o contexto de vulnerabilidade social no qual as participantes se encontram. Dessa forma, uma atividade em grupo foi conduzida, com foco no debate sobre a relevância da mulher na sociedade. Inicialmente, foi realizada uma atividade de intervenção psicossocial de apresentação, na qual as participantes foram convidadas a se apresentar mencionando seus nomes e uma qualidade que comesse com a primeira letra de seus nomes. Em seguida, foi abordado o entendimento das participantes sobre a temática, seguido por um debate. Elas foram incentivadas a exemplificar atividades que realizam para aprimorar sua saúde mental, evidenciando todas as estratégias discutidas e reconhecendo os benefícios dessa prática para si mesmas, além de compreenderem sua importância. Foi essencial discutir este tópico, considerando que o grupo de mulheres se engajou de forma ativa durante os encontros. Inicialmente, foi elucidado o conceito de saúde mental, alinhando-o com a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Durante as intervenções, as participantes optaram voluntariamente por explorar a questão da saúde mental da mulher, compartilhando suas experiências pessoais e os desafios enfrentados em suas realidades individuais. Elas destacaram a falta de espaço e o contexto desafiador em que estão inseridas, ressaltando como o grupo de convivência não apenas oferece um ambiente onde podem compartilhar suas bagagens emocionais, como também serve como um espaço acolhedor para dividir suas dores, contribuindo ativamente para a promoção da saúde mental.

Mediante as interações do grupo, é explícita a conexão entre as participantes, com apoio mútuo evidente, no qual algumas se dispuseram a compartilhar em conjunto as histórias e outras ofereceram palavras de encorajamento para lidar com situações específicas. O grupo demonstrou ser, de forma notória, uma rede de apoio solidária.

O terceiro encontro abordou a temática da autonomia e autoestima. O grupo iniciou o debate definindo esses conceitos sob sua própria perspectiva, resultando em diversas respostas

que, embora simples, capturaram o significado real desses termos. No contexto da autonomia, algumas participantes expressaram que ela implica em estar livre, não apenas fisicamente, mas em todos os aspectos da vida. Contudo, ressaltaram que autonomia não significa estar isolado, mas sim compreender a capacidade de agir de forma independente, embora reconhecendo a importância do apoio próximo quando necessário.

A discussão sobre autonomia levou ao tema da autoestima, com participantes compartilhando experiências pessoais de superação de dificuldades e reconstrução da autoestima ao longo do tempo. Algumas participantes fizeram brincadeiras questionando a existência da autoestima, mas foram prontamente corrigidas pelas colegas, que asseguraram que esse sentimento se recuperaria com o tempo. Essa interação reitera a importância da rede de apoio presente no grupo, incluindo o compartilhamento de sentimentos, corroborando com a constatação de Silva (2019) sobre a influência significativa da rede de apoio na reconstrução da autoestima de mulheres em situação de vulnerabilidade.

É notável que as participantes contribuem livremente para as discussões e têm confiança de que serão acolhidas pelas demais, demonstrando em cada encontro o fortalecimento dos vínculos presentes nos centros de convivência.

O quarto encontro abordou a temática da importância tanto do saber falar quanto do saber ouvir. A atividade consistiu na escolha de mitos representados em forma de quebra-cabeça, nos quais as participantes foram divididas em grupos e desafiadas a completar os mitos por meio do diálogo e da escuta ativa. Os mitos selecionados foram a 'Lenda do Guaraná', de caráter nacional, a lenda do 'Cabeça de Cuia', uma narrativa piauiense, e a 'Lenda do Cordeiro de Ouro', originária da cidade de Oeiras. Durante a realização da atividade, as participantes demonstraram atenção ao processo, compreendendo a premissa da proposta e reconhecendo a importância da comunicação eficaz e da escuta empática em cada momento. Em seguida, foi promovido um debate sobre como tais habilidades contribuíram para a dinâmica do grupo e como podem ser aplicadas no cotidiano. Nesse contexto, observaram-se discursos emocionados sobre a relevância de expressar suas convicções por meio da comunicação verbal, de exercer discernimento em determinadas situações, de estabelecer limites e de buscar apoio quando necessário. Durante as interações, as participantes auxiliaram umas às outras, identificando-se com as histórias compartilhadas e fortalecendo os laços interpessoais.

O último encontro, o quinto, consistiu em uma oficina na qual foram produzidos cartazes temáticos com o intuito de destacar atividades benéficas para as participantes e que as

motivam a frequentar o grupo de convivência de forma regular. Inicialmente, foi realizada uma roda de discussão na qual foram compartilhados relatos sobre a transformação do Centro de Referência ao longo do tempo, tornando-se um ponto de apoio e acolhimento, onde as relações ultrapassam os limites do ambiente físico. As participantes destacaram que o grupo ofereceu apoio em várias dimensões, especialmente no aspecto emocional, auxiliando a atenuar o sofrimento psicológico decorrente de perdas significativas, seja de entes queridos ou de objetos de valor afetivo. Isso está em consonância com a ênfase dada por Juliano (2014) à importância do apoio social como estratégia de enfrentamento em situações adversas.

Posteriormente à discussão, durante a oficina, ocorreu a produção colaborativa de cartazes, nos quais as participantes expressaram os pontos abordados previamente em suas falas. Esses cartazes foram dispostos no centro de convivência, com o objetivo de recordar às participantes como o ambiente, originalmente voltado para integração social, transformou-se em uma rede de apoio emocional entre mulheres com experiências semelhantes.

Dessa forma, observou-se que o grupo de convivência, que inicialmente tem como propósito o suporte social, transforma-se por vezes em um local de suporte emocional, no qual as relações sociais e grupais se fortalecem a ponto de se tornarem redes de apoio. Tendo em vista que essas mulheres vivem em um contexto de vulnerabilidade, como desemprego, violência doméstica, dificuldades financeiras ou saúde mental fragilizada. Nessas circunstâncias, o grupo de convivência se torna um ambiente de acolhimento, troca de experiências e fortalecimento mútuo, onde as participantes se sentem compreendidas, apoiadas e valorizadas (Silva et al., 2018).

Tendo em vista que essas mulheres vivem em um contexto de vulnerabilidade, onde, no cotidiano não encontram suporte emocional nas pessoas próximas, mas, devido às suas interações grupais, esse suporte emocional ocorre por meio dos grupos de convivência. No entanto, apesar da importância dos grupos de convivência no enfrentamento das vulnerabilidades enfrentadas por essas mulheres, é importante ressaltar que a atual Política de Saúde Mental muitas vezes não consegue abarcar adequadamente a complexidade e a diversidade dessas situações. As demandas dessas mulheres vão além do aspecto puramente clínico e incluem questões sociais, econômicas, culturais e de gênero que não são plenamente contempladas pelos serviços de saúde mental. Isso evidencia a necessidade de uma abordagem mais ampla e integrada, que considere não apenas o tratamento dos sintomas, mas também a

promoção do bem-estar psicossocial e o enfrentamento das desigualdades estruturais que contribuem para a vulnerabilidade dessas mulheres (SILVA et al., 2018).

Através das atividades realizadas com o grupo, buscou-se discutir os aspectos sociais e emocionais que estruturam as dinâmicas interpessoais do grupo de mulheres, considerando as demandas latentes apresentadas. Notavelmente, as práticas permitiram que as pessoas compartilhassem suas angústias, afetos, saberes, tristezas, alegrias, amores, ajudando a reduzir sentimentos como insegurança, depressão e medo e, sobretudo, após a morte de familiares próximos, doassem e trouxesse afeto, conversando e trocando experiências de vida com as amigas. Além disso, mediante o relato das participantes percebe-se que o grupo de convivência é um ambiente que possibilita a manutenção e o surgimento de novas e sólidas amizades. Dessa forma, torna-se evidente que as participantes associam essa interação com o bem-estar não só físico, mas também com a saúde mental.

3 CONCLUSÃO

Portanto, a partir das observações realizadas durante o estágio supervisionado em Psicologia Social Comunitária, percebe-se a importância da participação das mulheres nos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, para a construção de uma rede de apoio, com reflexos no bem-estar físico e mental.

As mudanças promovidas pelas atividades impactaram diversos aspectos, incluindo o empoderamento, o desenvolvimento da capacidade crítica, a busca por suporte emocional e prático, bem como o fortalecimento dos laços comunitários e familiares. Esses resultados refletem a ampla influência positiva das intervenções realizadas, abrangendo não apenas a saúde física, mas também o bem-estar emocional e social das participantes.

Em conclusão, as atividades proporcionadas pelos grupos auxiliam de forma positiva para que as mulheres deste CRAS pudessem obter uma melhora na qualidade de vida. Este estudo mostra a importância de criar e conduzir grupos de apoio e integrar minorias sociais, como as mulheres, população LGBTQIA+, indígenas, negros, pessoas com deficiência e idosos, como ferramenta essencial para a promoção da qualidade de vida e a busca pela redução das desigualdades sociais.

Portanto, como parte do processo de estágio obrigatório em psicologia social e comunitária, destaca-se a análise dos impactos desses grupos na vida das mulheres que

compõem o contexto de vulnerabilidade social, evidenciando a importância do estágio no CRAS para a atuação profissional. Por meio da assistência social, educação e empoderamento, esses grupos se mostram cruciais na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos os indivíduos tenham a oportunidade de desenvolver seu potencial plenamente. Compreender como a participação nesses espaços influencia não apenas a integração social, mas também a saúde emocional, o bem-estar, a capacidade de lidar com os desafios do dia a dia e a promoção de mudanças positivas em suas vidas. Adicionalmente, busca-se investigar o papel dos grupos de convivência no fortalecimento da rede de apoio social das participantes e no desenvolvimento de habilidades e recursos pessoais que facilitem sua inserção e participação ativa na sociedade.

Por fim, observa-se que a presença e atuação do psicólogo e da equipe multidisciplinar do CRAS se destacam como pilares fundamentais na promoção do bem-estar e na construção de estratégias eficazes para o enfrentamento das adversidades enfrentadas pelas mulheres e demais membros da comunidade. Suas abordagens técnicas e humanizadas, aliadas ao comprometimento com a promoção da justiça social e da equidade, demonstram como a Psicologia pode contribuir significativamente para a transformação positiva das realidades sociais mais desafiadoras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. A. DE . et al. Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de itabira-mg. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 13, n. 3, p. 435–443, set. 2010.

BRASIL, Ministério da Cidadania. Orientações técnicas: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. 1. ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Política Nacional de Assistência Social - PNAS/2004 Norma Operacional Básica - NOB/SUAS. Reimpresso 2009. Brasília: MDS, 2005.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS. Secretaria Nacional de Assistência Social. Sistema Único de Assistência Social. Orientações técnicas sobre o PAIF: O

serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família - PAIF, segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. 1ª edição. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Reimpressão 2014. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS, 2013.

CAVALCANTI, T. C. S. A importância dos grupos de convivência no contexto do CRAS para a população em situação de vulnerabilidade social. Monografia (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

CAVALCANTI, A. S. M. Os desafios da inserção da mulher nos grupos de convivência do CRAS. Cadernos De Graduação - Ciências Humanas E Sociais, 2(1), 44–51, 2016.

Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2008). Referências técnicas para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-no-cras-suas/>.

FERREIRA, L. C. O papel dos grupos de convivência no fortalecimento de mulheres em situação de vulnerabilidade social. In Anais do Congresso Brasileiro de Assistência Social, pp. 45-54, 2017.

JULIANO, M. C. C.; YUNES, M. A. M.. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. Ambiente & Sociedade, v. 17, n. 3, p. 135–154, jul. 2014.

LISBOA, C.; SILVA, M.; SANTOS, A. Desigualdade de gênero e vulnerabilidade social: uma análise multidimensional. Revista Brasileira de Estudos de Gênero e Sexualidade, v. 4, n. 2, p. 87-104, 2019.

RIBEIRO, C.; OLIVEIRA, J. O papel dos grupos de convivência no empoderamento feminino e na promoção da igualdade de gênero. Revista de Estudos Feministas, v. 28, n. 1, p. 67-82, 2020.

ROMAGNOLI, R.C. Relações macropolíticas e micropolíticas no cotidiano do CRAS. Psicologia & Sociedade [online], v. 28, n. 1, pp. 151-161, 2016.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Estudos feministas, 23(1), 13-34, 2015.

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, M. A. Empoderamento feminino e autonomia: uma revisão da literatura. Revista Perspectivas Sociais, 3(2), 102-120, 2019.

SILVA, A. B.; ALMEIDA, C. D.; OLIVEIRA, E. F. Política de Saúde Mental no Brasil: desafios e perspectivas. Revista Brasileira de Psicologia, v. 45, n. 2, p. 215-230, 2018.